



01. Para Agostinho o mal não poderia ser criado por Deus, pois Deus jamais criaria algo que não fosse bem. Agostinho parte do pressuposto que o mal metafísico-ontológico é um não ser (nada), ou uma privação ou ausência do bem. O mal não pode ser visto como substância (*Ousia*), já que toda a natureza criada por Deus é um bem, o mal é a corrupção e desta forma não tem consistência ontológica, Agostinho chega à conclusão que o mal está no livre-arbítrio do homem, na vontade livre. O mal moral no homem consiste no pecado, no qual se encontra a má vontade do homem e sua má escolha, logo a origem do mal está nas criaturas, não no Criador, se existe algum mal, este mal é de ordem moral criado pelo próprio homem através de suas paixões, sua vontade livre e sua má escolha.

Resposta: A

02. Quando analisamos o período colonial brasileiro, percebemos o exclusivismo da ação católica jesuítica em comunhão com o Estado lusitano, garantindo a massificação do catolicismo na mentalidade indígena e na atmosfera cultural do Brasil naquele momento histórico. Durante a fase monárquica, sobretudo, a partir da Constituição de 1824, identifica-se como um dos seus princípios a interdependência entre a Igreja e o Estado na perspectiva do padroado e do beneplácito, inclusive com especificidades quanto ao monopólio católico das manifestações religiosas públicas.

Resposta: D

03. A visão de Al Akbar Javanfekr está relacionada à moralidade religiosa que acompanha a teocracia do Irã, estabelecida em 1979 com a chamada Revolução Islâmica no Irã.

Resposta: C

04. Conforme o tempo vai transcorrendo e se tornando "vivo", o ser humano cria culturas singulares adaptadas ao seu momento histórico e a outros fatores interferindo na concepção de sagrado, ou seja, a religiosidade vai adaptando às civilizações. Na Idade Média, o forte teocentrismo católico implantava na consciência do ser humano a vida pós-morte como um fenômeno natural que compunha o seu cotidiano, por isso o homem feudal não possuía um grande alarde perante a morte. Contudo, o homem atual ocidental por estar inserindo na realidade do consumismo, fruto da forte industrialização capitalista, valoriza o "presente", ou seja, o momento do cotidiano e a incorporação de mercadorias como parte essencial da sua existência. Essa realidade, em geral, leva ao distanciamento perante as questões transcendentais e metafísicas.

Resposta: B

05. Karl Marx foi um autor que se dedicou profundamente a entender a estrutura social capitalista. Tinha como prática usual, fazer analogias desta sociedade com a estrutura religiosa, utilizando metáforas teológicas para a compreensão da mesma. Outra evidência de que o autor preocupava-se com a busca da compreensão e desmistificação das estruturas sociais, é a sua constante referência a Feuerbach, autor que se dedicou profundamente a compreensão e desmistificação do fenômeno religioso. Desta forma, evidencia-se que Marx percebia na estrutura da sociedade capitalista, uma estrutura análoga à da religião. A constante referência à crítica da religião de Feuerbach, bem como, o constante uso de conceitos teológicos, ao longo de suas obras, revela uma preocupação com a desmistificação desta estrutura.

Segundo Feuerbach, a religião se trata puramente de uma criação humana, e a argumentação que ele usa para isso é a comparação do homem com os animais irracionais. Pondo-os lado a lado, ele confirma que a diferença primordial entre os dois é a razão.

Feuerbach não vê Deus como um ser infinito, mas sim a essência do homem, a qual deu a Deus todas as suas capacidades aperfeiçoadas. As atividades humanas na história são, para ele, sinal da sua importância. Por isso, o homem deve ser visto como um "ser supremo", totalizando a espécie humana de forma absoluta.

Tendo a antropologia como chave para o mistério religioso, a proposta do pensamento feuerbachiano é a de busca de satisfação no materialismo e não na religião, que para ele é classificada como alienação. Esse conceito significa a separação de algo, que na sua teoria se aplica justamente à realidade material que é abandonada em busca de um Deus e vida eterna inexistentes.

Resposta: A

06. Apenas a afirmativa (III) está incorreta. Ockham não afirma isso, ele os separa e na sua famosa navalha, afirma que o que for mais simples deve ser considerado válido.

Resposta: D

07. Sartre é um existencialista ateu. Segundo Sartre, o homem está abandonado; Deus não existe e, para Sartre, a não-existência de Deus tem implicações extremadas. Aliás, alguns dos problemas principais que se levantam do abandono parecem também levantar-se meramente do fato de nós não podermos saber se Deus existe. Se Deus realmente existe, nós *“não estamos abandonados”*. O problema do abandono levanta-se meramente do fato de nós não podermos saber se Deus existe. Sua existência em tais condições equivale, para Sartre, em uma não-existência efetiva, que tem implicações drásticas. Primeiro, porque não há Deus, não há nenhum criador do homem e nem tal coisa como um concepção divina do homem de acordo com a qual o homem foi criado. Segundo, diz ele, louvando-se em Dostoiévski (na fala de Ivan Karamazov, na famosa novela daquele escritor russo): Se Deus não existe, então tudo é permitido. Terceiro, *“Não há um sentido ou propósito último inerente à vida humana; a vida é absurda”*.

Resposta: C

08. Segundo Marx, da religião o homem não pode esperar a sua libertação e emancipação. Ela é um *“sintoma”* da desumanidade do mundo dos homens e não o remédio para esse mal. Mais do que isso, ela é um *“ópio”*, um produto tóxico, que entorpece, aliena e enfraquece porque a esperança de consolação e de prometida justiça no *“outro mundo”* transforma o explorado e oprimido num ser resignado, tende a afastá-lo da luta contra as causas reais do seu sofrimento. Marx sempre considerou a religião como uma superestrutura, uma dimensão que reflete e é condicionada pela infraestrutura de uma determinada sociedade, ou seja, pelo modo como se verificam as relações entre os homens no processo econômico ou produtivo.

Resposta: B

09. Para Santo Agostinho, a finalidade do homem, enquanto ser racional, era a busca da Verdade, que em suas reflexões foi definida como sendo o Verbo de Deus, portanto, fonte de felicidade, cujo alcance era meta de perfeição para os homens. Ao tratar desta questão, a partir da doutrina da Iluminação Divina, o pensador demonstrou que o homem recebe de Deus o conhecimento da Verdade, mas só chega conhecê-la com a mente purificada. A partir daí, a educação consistia numa caminhada de perfeição moral que se alcançava mediante uma *“peregrinação”*, na qual o homem exterior (material) cedia lugar ao homem interior (espiritual). Em síntese, Agostinho identifica a Verdade, a luz que ilumina a razão humana, com Deus, afirmando que este Deus não é uma Ideia, mas antes uma realidade presente na alma humana. Agostinho identifica a Verdade, a luz que ilumina a razão humana, com Deus, afirmando que este Deus não é uma Ideia, mas antes uma realidade presente na alma humana.

Resposta: C

10. Nietzsche observa que a morte de Deus é um acontecimento cultural, existencial e extremamente necessário para purificar a face de Deus e, por consequência, a própria fé em Deus. Deste modo, Nietzsche não mata Deus. Mas limita-se a constatar a ausência do divino na cultura do seu tempo, acusando, pelo contrário, por essa ausência e morte, a teologia metafísica. Com base na rejeição da tese da fé-segurança, que a priori funda-se numa certeza típica da ciência, Nietzsche também critica o espírito que levará a secularização inautêntica ou ao secularismo do cristianismo. Logo, matar a Deus significa, noutras palavras, matar o *“dogma”*, o *“conformismo”*, a *“superstição”* e o *“medo”*, é não aceitar mais a imposição de regras cristalizadas, que impossibilitam a superação e a transcendência, além da autoafirmação do ser humano, que luta incansavelmente para libertar-se elevar-se em sua saga existencializada.

Resposta: C

11. O item (A) é o incorreto, pois assim como outros campos do conhecimento, a teologia dividia com a chamada filosofia natural, a matemática, as prerrogativas de ciência. Isto é posto para que o aluno, levado pelo pré-conceito de que a Idade Média teria sido a Idade das Trevas, onde nenhum conhecimento foi produzido, marcasse como correta. A letra (B) está correta, ele chamava de metafísica. Correto também é a letra (C), isto seria o que se chama, comumente, de Cristologia. O campo de atuação da Teologia é maior, pois abrange o relacionamento do homem com o Divino e isto está além da figura histórica ou sagrada de Cristo, que é apenas um dos muitos, entre tantos, deuses cultuados pelos homens. A letra (D) está correta. Por ter um caráter de ciência, tem esta característica. A letra (E) encontra-se também correta, pois não há como fazer experimentos com este campo de conhecimento, portanto se torna especulativa, ou seja, meramente teórica.

Resposta: A